

Covid-19: Políticas Públicas e as Respostas da Sociedade



Informação de qualidade para aperfeiçoar as políticas públicas e salvar vidas

Nota Técnica No. 7

Fome, desemprego, desinformação e sofrimento psicológico estimulam a violência e a desesperança em comunidades vulneráveis de seis regiões metropolitanas brasileiras

Principais Conclusões

- Em seis regiões metropolitanas pesquisadas Painel de Monitoramento de Lideranças Comunitárias, a fome é o drama mais crítico enfrentado por famílias carentes por conta da pandemia. Iniciativas de socorro se multiplicam, mas são insuficientes, incipientes e nem sempre coordenadas.
- O desemprego, redução do salário e ausência de renda atingem as famílias e dificultam o acesso a itens de proteção, como as máscaras. O endividamento e a inadimplência agravam ainda mais suas condições de vulnerabilidade.
- A falta de informação, as notícias falsas e o desencontro de recomendações dos diferentes agentes públicos geram confusão e contribuem para a aumentar a baixa aceitação das medidas de prevenção.
- A busca desesperada por atividades geradoras de renda é agravada pelas condições precárias de moradia, como superlotação, dificultando a adesão ao isolamento social.
- As novas condições de vida geram impactos psicológicos relevantes. Sinais de esgotamento, desespero, medo de morrer e falta de perspectiva para o futuro são percebidos como ameaça à própria sobrevivência.

O que esperar

- Para as lideranças comunitárias, o aumento do contágio, o descumprimento das medidas de contenção do vírus, a fome, falta de acesso ao sistema de saúde e o aumento da violência são problemas que se agravarão mais rapidamente.

Recomendações

- As informações coletadas sugerem que é urgente a ampliação e coordenação dos esforços para distribuição de alimentos como solução emergencial e não substitutiva de outras iniciativas estruturadas de proteção social.
- É importante que o setor público estimule as atividades de suporte social e psicológico às famílias que cada vez mais se encontram em situação de desesperança e desagregação.
- Diante da desvirtuação das orientações e da desinformação é fundamental que os diferentes níveis de governo, do federal, passando pelos estados e municípios, procurem se coordenar de modo a ajudar as comunidades a responderem com mais confiança às medidas de proteção contra a Covid-19.

A Covid-19 ampliou a fome nas comunidades vulneráveis de grandes regiões metropolitanas.¹ É o que revela a primeira onda de pesquisas do *Painel de monitoramento com lideranças comunitárias sobre os impactos do avanço da pandemia do Covid-19*, realizado pela Rede de Pesquisa Solidária.

O estudo contou com o levantamento de informações junto a lideranças de mais de 70 comunidades, bairros, territórios e localidades de alta vulnerabilidade social em seis regiões metropolitanas do país. O Painel pretende registrar regularmente informações objetivas sobre os principais problemas enfrentados por essas populações com o avanço da pandemia. A identificação e acompanhamento desses problemas permitem a antecipação de crises e gerenciamento de risco, tanto pelo poder público quanto pelas próprias comunidades.

Entre os dias 05 e 10 de maio de 2020 foram realizadas perguntas rápidas padronizadas, a partir de aplicativos de celular, a 99 lideranças comunitárias, com retorno de 72 delas. Trata-se de representantes de localidades de alta vulnerabilidade socioeconômica das seguintes regiões metropolitanas do país: Manaus, Recife, DF, Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo.

As lideranças e representantes comunitários são fontes estratégicas de informação, pois estão cotidianamente mobilizados no enfrentamento dos problemas mais graves que atingem suas localidades. Em diálogo constante com a população, recebem demandas, gerenciam conflitos e possuem olhar mais integrado dos territórios em que atuam. Cabe registrar que a Organização Mundial da Saúde (OMS) ressalta a importância do engajamento comunitário para a efetiva comunicação dos riscos e do controle da epidemia em contextos locais, principalmente nas comunidades mais vulneráveis. Por seu conhecimento do território, por sua experiência e pela capilaridade de suas redes pessoais, as lideranças comunitárias exercem papel estratégico na disseminação de medidas de prevenção ao vírus e na construção de soluções alternativas aos danos sociais da pandemia.

Este Boletim apresenta os resultados do processamento de perguntas abertas feitas a essas lideranças². Neste primeiro levantamento, a metodologia utilizada não previu estímulo a temas ou problemas específicos porque o objetivo era exatamente possibilitar a captura de situações e eventos inesperados gerados pela crise atual.

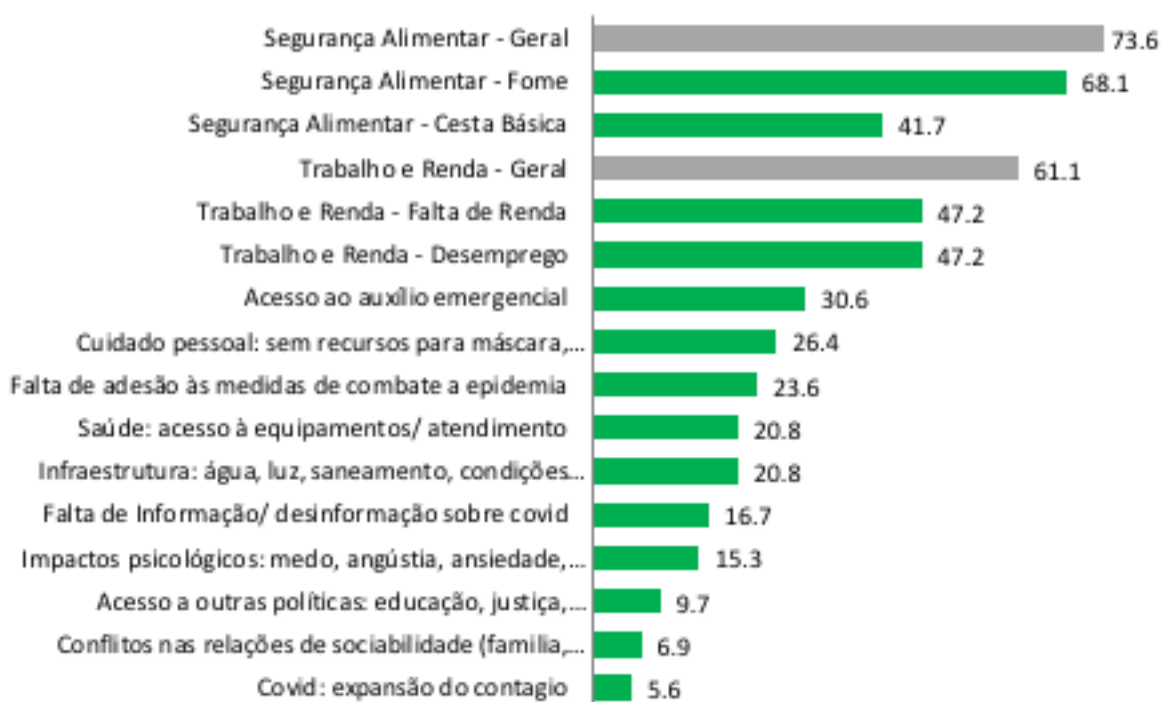
1 O Estado de São Paulo, que registrou a 1ª morte de Covid-19, por exemplo, medida como o fechamento das escolas, uma das primeiras a serem adotadas, teve início em 16 de março, pouco menos de 60 dias antes da coleta das informações apresentadas neste Boletim. O fechamento do comércio, com exceção dos serviços essenciais, decretado pelo governo no mesmo estado teve início no dia 24 de março.

2 O que foi formulado: "As perguntas abaixo referem-se aos possíveis problemas, conflitos e situações de dificuldade que surgiram ou foram agravadas por conta da pandemia do Covid-19 e as políticas para sua contenção, como o distanciamento social, por exemplo. (i) Na última semana que tipo de problemas e situações a população da comunidade/ território em que atua tem vivido? Por favor, relate os principais motivos pelos quais as pessoas têm lhe procurado ou os principais problemas que ficou sabendo que estão ocorrendo." (ii) Em sua opinião quais problemas ou situações podem ocorrer, piorar ou se agravar nas próximas semanas? foi a segunda pergunta realizada.

As respostas à primeira pergunta expressaram um quadro de desalento generalizado. Em 68% das comunidades a fome já é um dos principais problemas vividos. Trabalho e renda são problemas graves mencionados por mais de 60% dos entrevistados. Quase metade das lideranças apontou falta de renda e o desemprego como um dos principais problemas intensificados pela pandemia.

Até mesmo o auxílio emergencial proposto pelo governo federal para amenizar a falta de renda e o emprego se tornou uma questão grave na vida das pessoas: mais de 30% dos informantes relataram que as dificuldades para acessar o benefício estão entre os problemas mais intensos vividos pelas populações residentes nessas comunidades. O gráfico a seguir consolida a primeira onda de respostas.

Gráfico 1 - Problemas vividos pelas comunidades em decorrência da pandemia – 05-11 de Maio
Resposta Múltipla em % (N=72).



Fonte: Painel de Monitoramento de Lideranças Comunitárias no Cenário da Covid-19. 05-11 maio/ 2020.

Segurança Alimentar

A fome e a falta de renda para aquisição de alimentos constituem as dificuldades mais recorrentes e críticas que a população desses territórios enfrenta nesse momento. Há percepção generalizada de que a fome causada pela privação de recursos atinge muitas famílias. O risco à segurança alimentar se intensifica à medida em que a epidemia se prolonga e recursos emergenciais se mostram insuficientes.

Apesar da multiplicação de iniciativas de distribuição de cestas de alimentos nas comunidades, provenientes de políticas assistenciais, da sociedade civil organizada e de filantropia, as associações locais e lideranças estão fortemente mobilizadas em busca de recursos e soluções comunitárias. Porém, esses esforços são insuficientes para suprir as necessidades crescentes, como se pode ver pelos relatos.

"O pessoal não tem muito o que comer, na verdade não tem mesmo. Porque você dá uma cesta básica para uma pessoa que mora num barraco com onze pessoas. Tem cesta que vem 5kg de arroz. Onze pessoas, se comerem no almoço e na janta, não dá nem pra dois dias, numa conta bem básica. Então, é suprir a necessidade da fome. (...) Se você entrega uma cesta hoje para essa família, você precisa entregar outra, no mínimo, na outra semana."

(Liderança comunitária do Campo Limpo, São Paulo - SP)

"Falta de recursos financeiros pra comprar comida. Muitos não conseguiram ter acesso ao Auxílio Emergencial. As pessoas nos procuram pra ter o que comer. Estão passando fome!"

(Liderança comunitária do Jardim Gramacho, Duque de Caxias - RJ)

Além da cobertura e regularidade das doações não atenderem a demanda, as lideranças anotaram também a falta de coordenação das ações e as dificuldades na priorização de beneficiários, com impacto na distribuição dos auxílios: nem sempre alguns bairros ou regiões das cidades frequentam o mapa das doações. Dentro das comunidades certos grupos tendem a ser regularmente contemplados enquanto outros não conseguem acessar os donativos e muitas famílias deixam de receber proporcionalmente suas contribuições.

Nesse cenário de escassez e desorganização, filas e disputas por alimento começam a ocorrer.

Trabalho e Renda

Desemprego, redução do salário e ausência de renda estão entre os efeitos da pandemia mais citados pelas lideranças a este Painel. Prevalece a percepção de que parcelas consideráveis de trabalhadores dessas localidades perderam seu emprego, enquanto outras sofreram redução de salário. Pequenos comerciantes e prestadores de serviços também enfrentam queda acentuada de rendimentos. Há menções recorrentes à situação crítica de profissionais autônomos e informais que foram temporariamente dispensados sem garantia de remuneração nem previsão de retomada de suas atividades. É o caso das faxineiras diaristas, das cuidadoras e dos profissionais de manutenção e construção civil, como pedreiros e marceneiros, pois as famílias e estabelecimentos para quem prestavam serviços não mantiveram o pagamento de suas diárias.

Diante do agravamento das necessidades e da insuficiência das respostas governamentais, as lideranças relataram crescimento das pressões pela retomada de atividades de geração de renda, o que muitas vezes implica o não cumprimento das recomendações de isolamento social e, por consequência, o aumento do risco de contágio.

"Desemprego é o problema. Vários moradores com os aluguéis atrasados, falta de gás de cozinha, contas de água e luz atrasadas. Faltam alimentos, produtos de higiene pessoal e de proteção individual como máscaras, álcool gel e outros. Mães com crianças pequenas precisando de leite e fraldas".

(Liderança do Jardim da Conquista, Diadema - SP)

"Em relação às domésticas, diaristas, cuidadoras de idosos e babás, essas mulheres estão sofrendo com a queda da renda. No início, até que algumas patroas pagaram, mas poucas. Isso tem feito com que essas mulheres voltem a trabalhar, circulem pela cidade e interajam com muitas pessoas."

(Liderança comunitária do Morro do Coroa, Rio de Janeiro - RJ)

Auxílio Emergencial

As dificuldades de acesso ao Auxílio Emergencial foram frequentemente relatadas pelas lideranças comunitárias. O benefício financeiro destinado aos trabalhadores informais, microempreendedores individuais (MEI), autônomos e desempregados pelo governo federal chegam parcialmente às populações mais vulneráveis.

Os líderes comunitários relatam dificuldades de cadastro, saque e recebimento do benefício. A população dessas áreas não tem acesso ou familiaridade com uso de aplicativos e não possui os documentos necessários para receber o benefício por outra via. Devido à pandemia, muitos não conseguem acessar locais públicos onde poderiam obter novas vias de seus documentos e tampouco conhecem as vias virtuais de fazê-lo. Há ainda relatos frequentes sobre a exposição da população mais vulnerável à aglomeração em filas nos bancos da Caixa Econômica Federal e em lotéricas, sem uso de máscara, para buscar informação sobre seu benefício.

O resultado é que todos aqueles sem documentos ficam sem auxílio.

Falta de informação e Desinformação sobre a Covid-19

Uma em cada seis lideranças deste Painel mencionaram a falta de informação e/ou a desinformação sobre a pandemia como problema grave presente nas comunidades. Se o mundo pré-Covid-19 já trazia consequências danosas com o avanço das *fake news*³, a falta de informações consistentes e a disseminação de notícias falsas torna a gestão da crise mais dramática.

O tema aparece em pelos menos três dimensões: (i) na dificuldade de compreensão dos riscos de um perigo intangível representado pelo vírus; (ii) na disseminação de notícias falsas que minimizam os impactos da epidemia; e (iii) na confusão gerada principalmente pelo desencontro entre as recomendações feitas pelos poderes públicos municipais, estaduais e federal, que amplificam as incertezas e a incompreensão da população.

Esse desencontro traz consequências graves para a adesão às medidas de prevenção. Os líderes comunitários apontam para a necessidade de ações direcionadas de conscientização, com entrega de comunicados e orientações de maneira direta para essa população, como se vê pelos informes.

"(...) parece que as pessoas ainda não estão acreditando no vírus, porque é muita coisa que não vê. E, sem informação correta, as pessoas não conseguirão se proteger, especialmente as pessoas mais simples. As pessoas ainda não estão acreditando nele."

(Liderança Comunitária da Brasilândia - São Paulo – SP)

"Um dos problemas é que as pessoas estão ociosas sem ter mais o que fazer, preocupadas com a situação e confusas devido às informações desconstruídas."

(Liderança Comunitária do Morro do Papagaio, Belo Horizonte – MG)

3 A Folha de S. Paulo (20.05.2020) revelou que canais de fake news sobre a pandemia no YouTube são vistos quase 3 vezes mais que os de dados reais: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/05/canais-de-fake-news-sobre-covid-19-no-youtube-sao-vistos-quase-3-vezes-mais-que-os-de-dados-reais.shtml>.

"A ausência de informações através de cartazes, panfletos e carros de som. A desinformação que se espalha boca a boca (fake zap zap). Os boatos de que se trata de uma conspiração, gripe fraca, ou frescura. Agentes de saúde sem proteção. Comerciantes sem proteção."

(Liderança Comunitária do Capão Redondo, São Paulo – SP)

"Um dos maiores problemas que a gente tem enxergado é com as informações, né? Às vezes a gente ouve uma coisa, como os órgãos de saúde falam alguma coisa, outras pessoas falam que a gente precisa encarar a vida normalmente, né? E as pessoas que estão na dificuldade, elas não entendem qual a gravidade do vírus para as pessoas mais de idade."

(Liderança Comunitária do Jardim Leni, São Paulo – SP)

"Eu tenho, sabe, muitas pessoas com queixas assim relacionadas ao desencontro nas informações que são repassadas, é principalmente por conta dessa briga política, é que tá aí no país (...) cada político, cada líder e político dando informação diferente, né? Nosso presidente aí falando uma coisa, nosso governador falando outra, nosso prefeito também. Então fica essa briga política prejudicando um pouco o entendimento das pessoas."

(Liderança Comunitária do Engenho do Meio, Recife – PE)

Adesão às medidas de prevenção

Reuniões em bares, festas e bingos, abertura de estabelecimentos comerciais sem fiscalização e trânsito de pessoas sem máscaras fazem parte do cotidiano dos líderes comunitários. No fundo, dizem os relatos, há muita descrença da população na gravidade e capacidade de contágio da doença e as dificuldades de acesso à informação correta e o desencontro de recomendações estão no cerne dessa questão. Além disso, condições de moradia não permitem a adoção de várias medidas de prevenção.

Em um ambiente em que as relações de convivência são imprescindíveis para a sobrevivência, as medidas de isolamento social se tornam incongruentes com a necessidade do cotidiano.

"Nossa periferia onde moro infelizmente, principalmente semana passada, não fez o isolamento social que teria que ser feito devido a falta de instrução e talvez por não acreditar no tamanho e gravidade da doença, muito comércio aberto, pouca gente de máscaras, etc."

(Liderança Comunitária da Parada de Taipas, São Paulo - SP)

"o grande problema é a falta de cuidados básicos de distanciamento social, ficam andando pelas ruas, desde bebês de poucos meses a idosas de mais de 70 anos, de manha a noite (...) A falta de isolamento se dá principalmente pela precariedade das moradias, sejam as da vila ou dos barracos e palafitas da favela ou dos aptos dos conjuntos habitacionais; poucos e pequenos cômodos para famílias numerosas com parentes e agregados."

(Liderança Comunitária da Vila Santa Luzia, Recife - PE)

"Então, na última semana, o que me assusta mais, o que me preocupado é isso, as pessoas continuam saindo para trabalhar, e isso não tem uma solução, certo? A gente mora na região metropolitana de São Paulo, ou seja, a gente tem que, naturalmente, correr até o centro ou regiões mais longes daqui da periferia para poder trabalhar, certo? (...)E eu não tenho sugestão nenhuma para dar para eles, 'não vão trabalhar porque vocês vão pegar essa doença'. Como é que eu vou dizer isso sendo que, se eles não trabalharem eles também não comem? (...)"

(Liderança Comunitária do Morro do Macaco, Cotia - SP)

"Aqui onde eu moro, tenho notado que ultimamente, as pessoas andam saindo bastante para resolver pequenas coisas ou até mesmo visitar os parentes. A maioria das pessoas vai aos bancos, mercados e lotéricas, pois muitos estão esperando receber o auxílio ou já receberam e precisam regularizar suas vidas, pagando dívidas e abastecendo a casa com comida. Mesmo que aqui na parte mais periférica e populosa do DF não estão seguindo bem o isolamento, a maioria das pessoas está utilizando as máscaras, mas, infelizmente os idosos são os mais resistentes a utilizá-la ou muitas vezes eles não têm. Como aqui a situação ainda não está grave, muitos motoristas de Uber se arriscam a fazer corridas, pois muitas pessoas estão com dificuldades financeiras".

(Liderança Comunitária da P Norte - Ceilândia, Distrito Federal)

Impactos psicológicos

Medo de morrer, esgotamento, preocupação, desespero. A pandemia trouxe impactos psicológicos importantes para a população vulnerável das comunidades. Pelo menos 15% dos líderes comunitários descrevem situações de pânico e ansiedade entre as famílias, além de uma percepção de casos de síndrome do pânico e surtos agravados nesse momento de pandemia. As pessoas com diabetes, pressão alta e outros problemas de saúde que buscam atendimento e não conseguem ser atendidas, e nem sabem a quem recorrer, são tomadas pela angústia e desesperança na busca por melhorias em suas condições de vida.

Os retratos mais sensíveis de impacto psicológico, porém, parecem que vão além da situação de isolamento e dizem respeito à própria perspectiva de subsistência. O aumento do desemprego e a incapacidade de se obter um mínimo de renda fortalece o medo e insegurança quanto ao presente. A situação de confinamento e a imprevisibilidade do alimento para o dia seguinte, faz crescer o desespero e a dúvida pela sobrevivência, o que foi relatado com ênfase por líderes comunitários.

"O problema é esgotamento das pessoas, (...) confinados em um espaço minúsculo que é suas casas, sem nenhuma luz pra "sair" do tédio e das dificuldades porque estão em casa gastando o que não tem. Comendo o que tem, esperando o que vem. (...) O principal problema é o desemprego. Bateu desespero, medo e insegurança. Está dando uma pane na mente das pessoas".

(Liderança Comunitária do M'Boi Mirim, São Paulo – SP)

"Muitas pessoas, principalmente as mulheres, procuram para relatar medo de morrer, angústias, não quererem lutar mais pelos sonhos, fazer faculdade, casar, com surtos e em busca de apoio profissional psicológico. A falta de expectativa de vida que a pandemia traz tem impactado o psicológico da comunidade. (...) (também são frequentes) angústias das mulheres de presidiários, que já recebem cartas de despedidas de seus companheiros."

(Liderança Comunitária do Morro da Coroa, Rio de Janeiro - RJ)

Problemas e situações que devem se agravar rapidamente

'Em sua opinião quais problemas ou situações podem ocorrer, piorar ou se agravar nas próximas semanas?' Esta foi a segunda pergunta feita às lideranças entrevistadas na primeira onda do Painel, durante os dias 05 e 11 de maio, cujas respostas foram processadas e codificadas no gráfico a seguir.

Gráfico 2 - Covid-19: Problemas que se agravarão nas comunidades nas próximas semanas (%).
Resposta Múltipla (N=72).



Fonte: Painel Monitoramento Lideranças Comunitárias no Cenário do Covid-19.
Rede Pesquisa Solidária. 05-11 maio/ 2020.

Além de todas as dificuldades vividas por essas populações, 56% das lideranças entrevistadas indicaram que a expansão do contágio do Covid-19, e como decorrência o aumento de mortos, é o problema que deve se intensificar nas comunidades nas próximas semanas.

Em grande parte, essas opiniões se fundamentam na percepção de que as medidas para reduzir do impacto da pandemia, como o distanciamento social, deixarão cada vez mais de serem cumpridas, ainda que por motivos em grande medida alheios à vontade da população (referendado por 35% das lideranças).

Também associada à previsão das lideranças de expansão do contágio nos próximos dias, o acesso à Saúde aparece entre os principais problemas que serão intensificados (apontado por 21% dos respondentes). Vários relatos deram conta que os equipamentos públicos já estão sem capacidade de atendimento e com a previsão de mais pessoas contaminadas, inevitavelmente o sistema entrará em colapso muito rapidamente.

A fome novamente aparece para 22% dos entrevistados como problema que será ainda mais grave no próximo período, assim como a violência, que foi mencionada por uma em cada cinco respostas.

Dentre os tipos de violência que tendem a crescer na percepção das lideranças, três ganharam destaque: (i) violência doméstica, mencionada por 10% dos entrevistados; (ii) roubos, furtos e saques, mencionados por 11%; e (iii) violência associada ao aumento de conflitos locais, convulsão e revolta da população pela situação em que se encontra, que receberam menção de problema iminente para 10% das lideranças.

"E a revolta das pessoas. Uma vez que a barriga tá vazia, vc já sabe o que pode acontecer, né?"

(Liderança Comunitária, Jardim das Palmas, São Paulo – SP)

"A falta de grana cause um caos social."

(Liderança Comunitária, Parque Regina, São Paulo – SP)

"Pessoas/famílias inteiras adoecendo e aumento de violência entre familiares, como já vem acontecendo e crescimento de roubos e furtos."

(Liderança Comunitária, Vila Santa Luzia, Recife – PE)

"O aumento da criminalidade e a superlotação nos hospitais."

(Liderança Comunitária, Comunidade Gustavo Nascimento, Manaus – AM)

"Na minha opinião, os problemas das situações que podem ocorrer piorar ou se agravar nas próximas semanas é o aumento da violência, o aumento de assaltos, sobretudo assaltos à mão armada, pequenos furtos, que inclusive a gente já tem notícias, né? E possibilidade de latrocínio e homicídio e até assaltos no mercado já tenha acontecido aqui por aqui porque é infelizmente algumas pessoas não estão conseguindo saber como vão lidar com a situação, já estão entrando em processo de desespero e aí o número tem agravado muito essa situação, aumentar o número de índice de violência doméstica inclusive."

(Liderança Comunitária, Vale do Amanhecer, Planaltina – DF)

"Aumento da fome. Aumento de roubos, "na pista", por jovens da comunidade, em função da falta de alimentos".

(Liderança Comunitária, Morro da Coroa, Rio de Janeiro – RJ)

Por fim, falta de renda (17%), desemprego (11%) e impactos psicológicos (13%), como aumento de situações de depressão, também foram mencionados pelas lideranças como situações que devem piorar nos próximos dias.

"Podemos ter um aumento enorme de pessoas com problemas psicológicos, principalmente depressão, síndrome do pânico, suicídios, insônias, aumento de violência doméstica e acidentes e mortes fatais, aumento de pessoas dependentes de álcool e drogas e furtos e saques em casas, lojas, comércio e entre outros."

(Liderança Comunitária, Jd. Conquista, Diadema – SP)

Recomendações emergenciais

- As informações coletadas sugerem que é urgente a ampliação e coordenação dos esforços para distribuição de alimentos como solução emergencial e não substitutiva de outras iniciativas estruturadas de proteção social.
- É importante que o setor público estimule as atividades de suporte social e psicológico às famílias que vivem cada dia mais em situação de desesperança e desagregação.
- Diante da desvirtuação e desinformação que geram descrença e confusão sobre a natureza e o real perigo que representa a Covid-19, é fundamental que os diferentes níveis de governo, do federal, passando pelos estados e municípios, procurem se coordenar de modo a ajudar as comunidades a responderem com mais confiança às medidas de proteção contra os males do vírus.

O QUE É A REDE

Somos mais de 40 pesquisadores mobilizados para aperfeiçoar a qualidade das políticas públicas do governo federal, dos governos estaduais e municipais que procuram atuar em meio à crise da Covid-19 para salvar vidas. Colocamos nossas energias no levantamento rigoroso de dados, na geração de informação criteriosa, na criação de indicadores, na elaboração de modelos e análises para acompanhar e identificar caminhos para as políticas públicas e examinar as respostas que a população oferece.

A Rede de Pesquisa Solidária conta com pesquisadores das Humanidades, das Exatas e Biológicas, no Brasil e em outros países. Para nós, a fusão de competências e técnicas é essencial para se enfrentar a atual pandemia. O desafio é enorme, mas é especialmente entusiasmante.

E jamais seria realidade se não fosse a contribuição generosa de instituições e doadores privados que responderam rapidamente aos nossos apelos. A todos os que nos apoiam, nosso muito obrigado.

Visite nosso site: <https://redepesquisasolidaria.org/>

Siga a Rede de Pesquisa Solidária na redes sociais



QUEM FAZ

Comitê de Coordenação

Glauco Arbix (USP), João Paulo Veiga (USP), Fabio Senne (Nic.br), José Eduardo Krieger (InCor-Faculdade de Medicina USP), Rogério Barbosa (Centro de Estudos da Metrópole), Luciana Lima (UFRN) e Ian Prates (Cebrap, USP e Social Accountability International)

Coordenação Científica Lorena Barberia (USP)

Editores Glauco Arbix, João Paulo Veiga e Lorena Barberia

Doações e contato redepesquisasolidaria@gmail.com

Consultores Alvaro Comin (USP) • Diogo Ferrari (Universidade de Chicago) • Flavio Cireno Fernandes (Prof. da Escola Nacional de Adm. Pública e Fundação Joaquim Nabuco) • Márcia Lima (USP e AFRO-Núcleo de Pesquisa e Formação em Raça, Gênero e Justiça Racial) • Marta Arretche (USP e Centro de Estudos da Metrópole - CEM) • Renata Bichir (USP e CEM)

Design Claudia Ranzini

Equipe responsável pela Nota Técnica No.7

Coordenação Graziela Castello (CEBRAP), Priscila Vieira (CEBRAP) e Monise Picanço (CEBRAP)

Pesquisadores Gabriela Palhares (Observatório da inovação-USP); Jaciane Milanezi (CEBRAP); Jonatas Mendonça dos Santos (USP); Laura Simões (USP); Rodrigo Brandão (USP)

Instituições parceiras



Instituições de apoio

